

# SERMÃO SEXAGENÁRIO

Artur Ledur

Bernardo Barboza

Eduardo Oliveira

Gustavo Johnson

Leonardo Valcarenghi

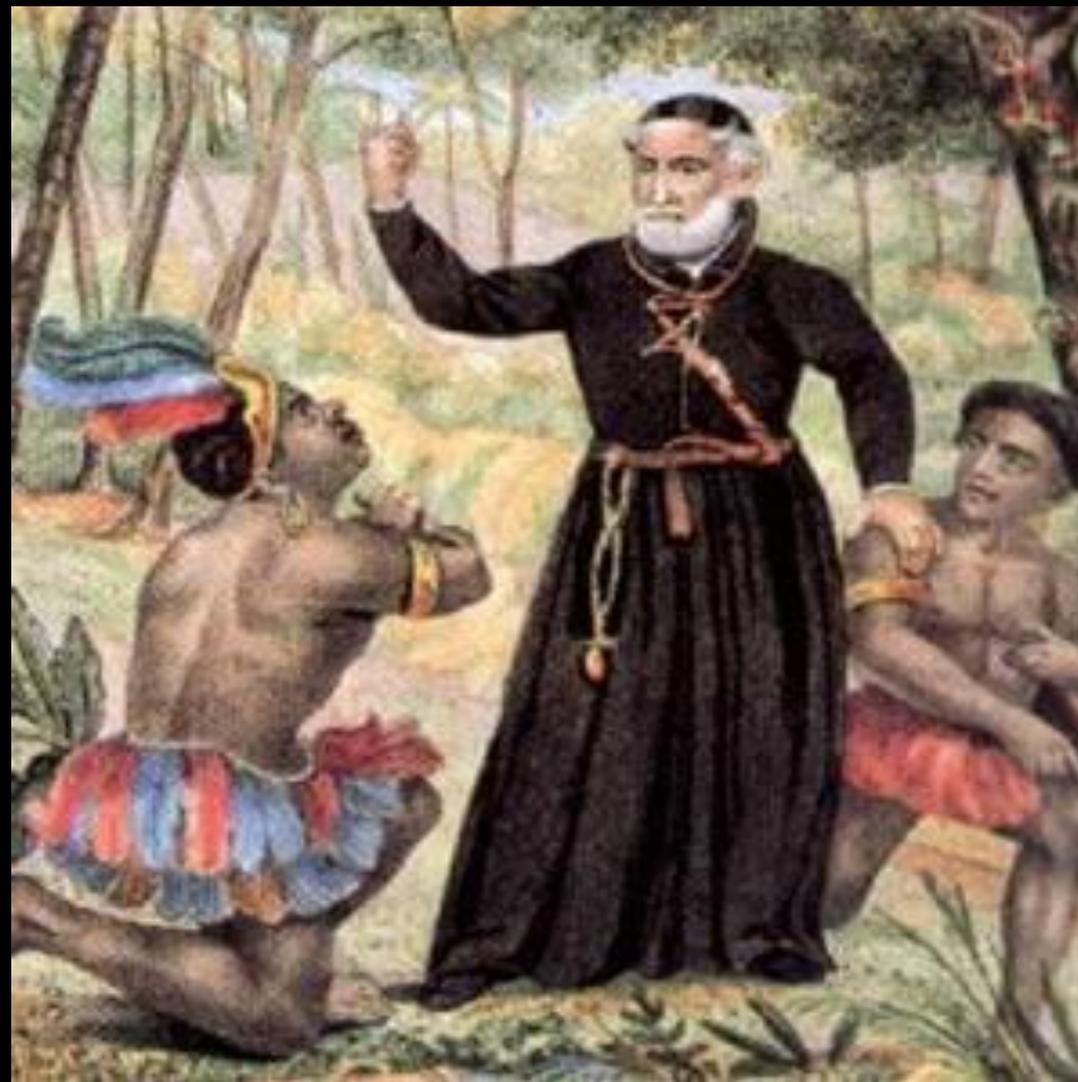
Thomas Ricardo

# QUEM FOI PADRE ANTÔNIO VIEIRA?

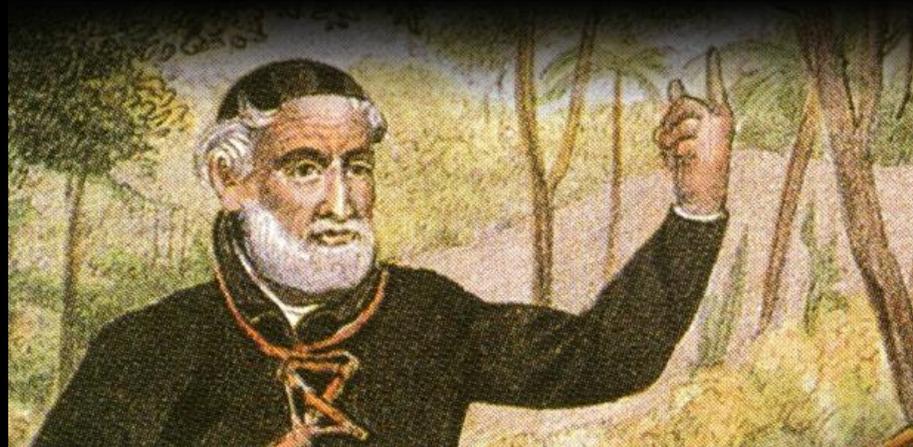
- Padre Antônio Vieira nasceu em 1608, em Lisboa, e representa, sem dúvida, a maior expressão da eloquência sacra de Portugal e um dos maiores escritores de seu século.



Foi para a Bahia, ainda pequeno, onde recebeu ordenação sacerdotal e começou a atuar na Companhia de Jesus, que era um movimento cristão de catequização indígena, que discriminava a escravidão pelos colonos, ao mesmo tempo que também utilizava a mão-de-obra indígena.

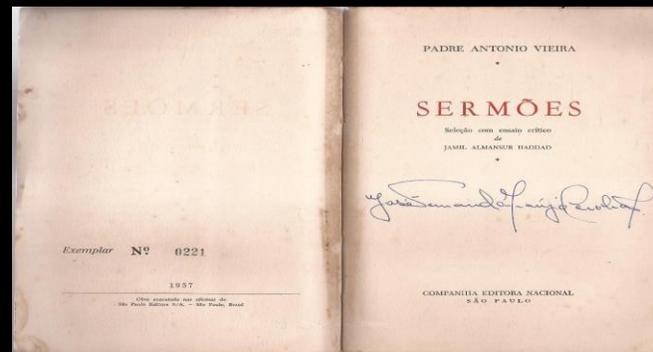


- Foi professor de Retórica na cidade de Olinda.
- Atuou como missionário católico, defendendo a liberdade dos indígenas brasileiros.
- Escreveu importantes sermões, considerados importantes exemplos da literatura barroco brasileira.
- Foi Visitador-Geral da Província do Brasil.
- Morreu na cidade de Salvador (Bahia) em 18 de julho de 1697.



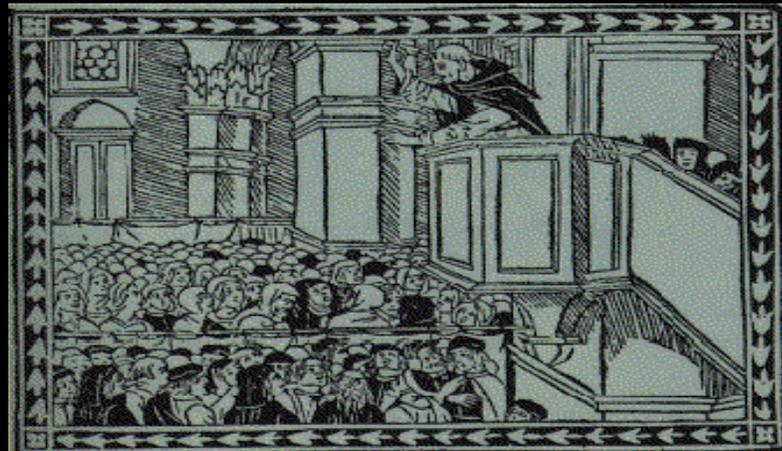
# OS SERMÕES

- Os Sermões ou ainda Sermoens (em português arcaico) é uma coletânea dos sermões mais célebres do Padre Antônio Vieira (1608-1697), e que pela construção e elaboração, tanto do aspecto gramatical quanto discursivo, valeram o status a seu autor de maior prosador da língua portuguesa.
- Ela reúne as versões escritas de prédicas lançadas ao longo da vida do jesuíta, totalizando mais de 200 sermões no total, proferidos em Salvador, Lisboa, São Luís, Cabo Verde, Roma, entre outros lugares, e que cobrem as décadas de 1630 a 1690.



# SERMÃO DA SEXAGÉSSIMA

- O sermão, dividido em dez partes, é conhecido por tratar da arte de pregar. Nele, Padre Antônio Vieira condena aqueles que apenas pregam a palavra de Deus de maneira vazia. Para ele, a palavra de Deus era como uma semente, que deveria ser semeada pelo pregador. Por fim, o padre chega à conclusão de que, se a palavra de Deus não dá frutos no plano terreno a culpa é única e exclusivamente dos pregadores que não cumprem direito a sua função.



- O sermão desenvolve a temática religiosa e, ao mesmo tempo, predomina nele uma das características do estilo barroco: o conceptismo, visto que sua principal preocupação é o conteúdo, é a discussão da arte de persuadir. Para tanto faz uso da metalinguagem: Vieira reflete sobre o poder da arte de pregar por sermões ao mesmo tempo em que está proferindo um sermão. Para isso o pregador se vale de analogias, comparações, metáforas, o mesmo estilo de pregar de Jesus, que consistia em utilizar correspondências alegóricas, de conhecimento geral, para que seu discurso seja assimilado e compreendido de forma prática.



Inicialmente, Vieira questiona o porquê da Palavra de Deus “fazer pouco fruto“. Como é comum nos sermões, o pregador faz uso de perguntas que ele mesmo responde, recurso que permite conduzir o raciocínio lógico do ouvinte. Ele atribui a este questionamento três possibilidades de resposta: as falhas podem ser do pregador, do ouvinte ou de Deus.

Na busca de encontrar a resposta de seu questionamento, o pregador apresenta sua alegoria, que esquematizamos da seguinte maneira:

É necessário...

<b>Para que uma alma se converta:</b>	<b>Pregador – apresentar a doutrina, persuadindo.</b> <b>Ouvinte – compreender a mensagem.</b> <b>Deus – permitir a compreensão</b>
Para o homem ver-se a si mesmo:	Olhos – para enxergar Espelho – para refletir sua própria imagem Luz – iluminar o ambiente para que se veja

- Analisando os dois esquemas, percebe-se a relação entre eles: os olhos correspondem ao ouvinte, que entra com o conhecimento; o espelho corresponde ao pregador que entra com a doutrina e a luz corresponde a Deus que, através da graça, ilumina o entendimento do ouvinte.



- Na busca de identificar de quem é a “culpa” pelo “pouco fruto da Palavra de Deus”, o pregador inocenta de imediato, Deus, utilizando para isso um argumento de fé: “Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino”. O mesmo Concílio de Trento, que deu origem ao movimento da Contra-Reforma.



- Vieira, de maneira tão criativa e poética, atribui a culpa toda e exclusivamente ao pregador: “poresquema culpa nossa”, como ele mesmo afirma. Levando em consideração o que construímos com base em suas analogias, inferimos que isso se deve ao fato de que os pregadores não estão mais convencendo seus ouvintes da veracidade de sua doutrina, seja por sua ilogicidade, seja por ser um discurso vazio, hipócrita, resumindo no “Fazei o que eu digo, mas não o que eu faço”.

